

O PAPEL DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA NA FORMAÇÃO DOS JOVENS ANAPOLINOS

The role of financial education in the education of young people Anapolinos

Gabriel Costa Santos¹

Jéssica Pereira de Paula¹

Jonathan de Souza Batista¹

Yuri Jose Feliciano¹

Graduando em Administração pela UniEVANGÉLICA – GO.

Regiane Menezes²

Orientador (a) do Trabalho de Conclusão de Curso – GO

¹ Gabriel Costa Santos - Bacharelado no curso de Administração da UniEVANGÉLICA –Brasil - Email: Gabrielcostaa423@gmail.com

¹ Jéssica Pereira de Paula - Bacharelado no curso de Administração da UniEVANGÉLICA –Brasil - Email: jess.ppaula@hotmail.com

¹ Jonathan de Souza Batista - Bacharelado no curso de Administração da UniEVANGÉLICA –Brasil - Email: Jonata_qq@hotmail.com

¹ Yuri Jose Feliciano - Bacharelado no curso de Administração da UniEVANGÉLICA –Brasil - Email: yuri.jose@hotmail.com.br

² Regiane Menezes – Professora do curso de Administração da UniEVANGÉLICA – Brasil - Email: regiane.menezes@docente.unievangelica.edu.br



RESUMO

Esse trabalho tem por objetivo geral entender o papel e a importância da educação financeira na formação dos jovens anapolinos e o impacto em seu cotidiano. Durante o trabalho buscaremos analisar o nível de conhecimento sobre a educação financeira dentre os entrevistados, entender e identificar o perfil econômico dos jovens através da pesquisa de campo e demonstrar a importância da educação financeira por meio de apresentação de referenciais teóricos e pesquisas expositivas e orientações sobre finanças. Iremos também investigar as vantagens e consequências das ações e movimentações econômicas dos jovens para entender o grau de conhecimento deles em relação à educação financeira.

Palavras-chave: Educação Financeira; finanças; jovens

ABSTRACT

This work has the general objective of understanding the role and importance of financial education in the formation of young Anapolinos and the impact on their daily lives. During the work we will seek to analyze the level of knowledge about financial education among the interviewees, understand and identify the economic profile of young people through field research and demonstrate the importance of financial education through the presentation of theoretical references and expository research and guidelines on finance. We will also investigate the advantages and consequences of young people's economic actions and movements to understand their degree of knowledge regarding financial education.

Key words: Financial education; finance; young

1 INTRODUÇÃO

Educação financeira ainda é um tema muito mistificado, talvez até pela falta de conhecimento sobre o assunto. Dentre os jovens de 18 a 30 anos há muitas incertezas em distribuir seu próprio salário para pagamento de suas contas e contribuir para realização de seus desejos. O número diminui ainda mais quando a faixa etária varia de 10 a 17, em relação a determinadas informações financeiras.

Em uma pesquisa realizada pela S&P Ratings Services Global Financial Literacy Survey (2014) - (Pesquisa Global de Educação Financeira da divisão de ratings e pesquisas da Standard & Poor's) mostrou que o Brasil ocupa o 74º em ranking global em relação ao conhecimento e educação financeira.



Pesquisa essa que foi realizada em 2014 em que 144 países participaram desse estudo com mais de mais de 170 mil adultos entrevistados, tendo como base da entrevista quatro conceitos básicos sobre educação financeira como aritmética, diversificação de risco, inflação e juros compostos.

Dos entrevistados Brasileiros foram considerados como tendo alguma noção de educação financeira, apenas 35 %, esse número representa os que foram capazes de acertar três dos quatro temas abordados. O que traz um cenário muito preocupante sobre o quão pouco a nossa população domina o assunto em si.

Não precisamos abranger sobre dominância de investimentos na bolsa de valores como investimentos em FIIS (Fundo de Investimento Imobiliário) ou LCI (Letra de Crédito do Imobiliário) e LCA (Letra de Crédito do Agronegócio), até mesmo sobre criptomoedas como o Bitcoin ou a Rede Ethereum. Não é necessário inserir neste conhecimento básico investimentos que demandam conhecimento imersão, entretanto é necessário conhecer minimamente sobre a importância do dinheiro.

Neste trabalho pretendemos entender e mostrar como se usa o cartão de crédito sem se endividar; como se organizar para pagar as dívidas em dia; como fazer para que sobre dinheiro no final do mês. Ou mesmo com se planejar para sair do sair do aluguel e alcançar a tão sonhada casa própria.

Saber controlar os gastos é seriamente essencial hoje em dia. Não saber como gerir o dinheiro pode acabar prejudicando o bem-estar, as metas e objetivos. Contudo é importante saber fazer planejamento financeiro para evitar custos desnecessários melhorando o rendimento do saldo para que os sonhos se tornem mais acessíveis.

A educação financeira, em suma, é de extrema importância. Por meio dela que deixamos de ser participantes da “corrida de ratos”, termo usado no Livro Pai rico Pai Pobre (1997) dos autores Robert Kiyosaki e Sharon L. Lechter. Esta menção significa viver a vida toda correndo atrás de alcançar objetivos inalcançáveis, o que irá se tornar um hábito autodestrutivo ou inútil já que não irá importar quanto o indivíduo irá ganhar, pois o mesmo não sabe administrar os seus próprios recursos.

As análises abordadas neste trabalho têm como meta definir os maiores impactos alcançados, monetariamente e economicamente, na vida dos jovens que tiveram acesso a educação financeira tanto por meio de suas famílias ou de escolas e outros cursos. Assim este trabalho pretende mostrar a importância de saber administrar suas finanças.



2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Percurso Histórico do Dinheiro

Para Weatherford (2005), a invenção do dinheiro foi o ato de ruptura com o antigo mundo e seus valores, e que a partir dele houve uma mudança abrupta dentro das sociedades globais.

O dinheiro não existe na natureza, e não existe versão ou análogo a ele entre quaisquer membros do reino animal, o dinheiro assim como a linguagem, é exclusivamente humano, o dinheiro constituiu uma nova forma de pensamento e ação que mudou totalmente o mundo (WEATHERFORD, 2005, p.32).

Se formos parar e analisar a história da sociedade humana e dermos ênfase ao dinheiro, iremos descobrir algumas coisas interessantes, como por exemplo, antes dos primeiros relatos da Mesopotâmia começar a utilizar os lingotes de metais preciosos para, realizar a venda dos produtos dentro da sociedade, os astecas utilizavam as sementes de cacau como sua principal “moeda de câmbio”, com esses grãos eles conseguiam adquirir desde frutas até mesmo escravos dentro da sociedade, outras sociedades mais antigas utilizavam o milho, as amêndoas, a cevada, o sal, o gado e até mesmo a manteiga já foi uma moeda de troca, ou seja, não existia uma moeda padrão de troca.

Segundo Weatherford (2005, p.32), foi dentro da Mesopotâmia que o sistema de lingotes se mostrou “eficiente para os mercadores acostumados a transacionar com carregamentos e grandes quantidades de um produto”.

Em meados do século 7 a.C, foi criada a primeira moeda.

O salto cultural e tecnológico das moedas primitivas constituiu a primeira revolução monetária da história e, para vantagem do conhecimento numismático, aconteceu apenas uma vez. Ocorreu na Ásia ocidental onde hoje fica a Turquia e de lá espalhou-se pelo mundo para tornar-se o sistema monetário global ancestral do sistema no qual vivemos e trabalhamos hoje (WEATHERFORD, 2005, p.32).

Com a constante evolução da sociedade e de sua tecnologia, a invenção de uma moeda de troca era algo já esperado, dando início assim ao dólar americano, ao euro, a libra esterlina, ao iene, ao franco e diversas outras moedas que conhecemos e utilizamos atualmente.



2.1.1 O nascimento da moeda

Como em todas as civilizações o Brasil não foi diferente, sua primeira moeda foi itens ou então mercadorias, como por exemplo, a primeira “moeda” de troca foi o pau-brasil que era a principal mercadoria trocada entre os nativos brasileiros e os colonos, logo após foi substituída pelo pano de algodão, pelo açúcar, pelo fumo e pelo zimbo. Essas “moedas” ainda permaneceram mesmo após a chegada das moedas metálicas.

As primeiras moedas chegaram por volta de 1580 trazidas pelos portugueses, por invasores e também por piratas, que estavam vindos constantemente para terra recém-descoberta.

Durante o domínio holandês no nordeste brasileiro surgiram as primeiras moedas cunhadas no Brasil, que eram os florins e os soldos que levavam a escrita “Brasil” no verso.

As patacas foram as moedas que circularam por mais tempo no Brasil, um total de 139 anos, elas circularam desde o ano 1695 até o ano de 1834, eram moedas de prata com valores de 20, 40, 80, 160, 320 e 640 réis.

Em 1834 os cruzados cunhados pela casa da moeda do Rio de Janeiro, tomaram o lugar das patacas, logo em seguida no ano de 1835 as cédulas fabricadas no Brasil foram substituídas por cédulas fabricadas na Inglaterra pela Perkins, Bacon & Petch, essas cédulas que por sua vez possuíam mecanismos para dificultar a falsificação, fazendo assim que o Tesouro Nacional assumisse o controle das emissões.

Por conta do aumento da população e alto custo para fabricar moedas, as cédulas voltaram a ter um maior uso dentro do território brasileiro, contudo ainda havia uma dificuldade em transitar essas cédulas em todo o território brasileiro, logo em 1836 até 1854, o governo autorizou que os bancos particulares emitissem notas também juntamente com o Tesouro Nacional que antes possuía o monopólio da emissão, entretanto em 1896 por conta da alta quantidade de bancos emissores de notas houve uma crise financeira no Brasil, fazendo assim que o Tesouro Nacional voltasse a ser o único emissor de cédulas.

Segundo o Banco Central do Brasil (2004) nos anos de 1918 a 1935 o Tostão foi criado para facilitar o troco, em 1942 por conta da alta quantidade de cédulas circulando no Brasil foi criado então o Cruzeiro (Cr\$) para uniformizar o dinheiro, ficou vigente até 1967 quando o Cruzeiro Novo (NCr\$) assumiu o lugar por conta da desvalorização do Cruzeiro,



vigorou até 1970 quando o Cruzeiro assumiu novamente até 1986, com o crescimento da inflação foi criado o Cruzado (Cz\$) que vigorou de 1986 até 1989, 1989 o Cruzado Novo (NCz\$) que perdurou somente por 1 ano, em 1990 o Cruzeiro (Cr\$) voltou a ser a moeda nacional, entretanto 1993 o Cruzeiro Real (CR\$) assumiu por conta da nova reforma monetária, contudo em 1994 foi dado início ao plano Real (R\$) que é a moeda vigente nos tempos atuais.

2.2 A Educação financeira

A Educação financeira é um tema de discussão bem abrangente tanto nacionalmente quanto internacionalmente, já que se trata de algo de suma importância para o desenvolvimento econômico e pessoal. Mas o que realmente seria a educação financeira?

A educação financeira é um aglomerado de conhecimentos adquiridos que facilita as pessoas a tomarem a melhor decisão monetária para controlar melhor suas finanças, buscando assim organizar sua vida financeira. É algo adquirido com tempo e através de teorias e práticas durante a vida. Usar tal aprendizado pode garantir uma vida emocionalmente estável e agregar ao bem-estar.

Segundo Pinheiro (2008), educação financeira é a habilidade que os indivíduos apresentam de fazerem escolhas sensatas ao administrar suas finanças pessoais durante o tempo de vida. Habilidades essas, que são adquiridas com o tempo através de decisões tomadas ao decorrer da vida.

De acordo com, A Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico (OCDE) (2005, p. 13, tradução nossa):

A educação financeira é o processo mediante o qual os indivíduos e as sociedades melhoram a sua compreensão em relação aos conceitos e produtos financeiros, de maneira que, com informação, formação e orientação, possam desenvolver os valores e as competências necessários para se tornarem mais conscientes das oportunidades e riscos neles envolvidos e, então, poderem fazer escolhas bem informadas, saber onde procurar ajuda e adotar outras ações que melhorem o seu bem-estar. Assim, podem contribuir de modo mais consistente para a formação de indivíduos e sociedades responsáveis, comprometidos com o futuro.

Nota-se que é importante desenvolver projetos que incentivem as escolas e educadores a colocar em prática a disciplina de educação financeira para os jovens desde o início, para que os mesmos possam criar o costume de consumo consciente e desenvolver



ao longo da vida relações saudáveis com o dinheiro. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) incluiu a Educação financeira entre os temas transversais que deverão constar nos currículos de todo o Brasil. O texto introdutório do documento foi homologado pelo Ministério da Educação (MEC) em dezembro de 2017.

Com essa decisão a partir de agora, o tema de Educação financeira faz parte de uma lista de assuntos que devem ser incorporados às propostas pedagógicas de estados e municípios.

D'Aquino (2008) sustenta ainda que o papel da educação financeira deve ser, produzir um alicerce para que na vida adulta os jovens possam ter uma relação saudável e responsável em relação ao dinheiro. No Brasil, a educação financeira não é hábito nem na família, muito menos nas escolas. Portanto, crianças e jovens não aprendem a lidar com o dinheiro e acabam tendo dificuldades.

Educar-se financeiramente contribui para que as pessoas alcancem seus objetivos e metas com uma maior clareza. Portanto é importante que os indivíduos entendam o que desejam e o que precisam. D'Aquino (2008, p.23) reforça sobre esta convicção e assegura que “ser capaz de distinguir o que compramos porque queremos aquilo que consumimos porque precisamos é fundamental em qualquer idade”.

Ser educado financeiramente remete saber usar o dinheiro, seja pagando dívidas de forma inteligente ou investindo em algo. Ter dívidas não é absolutamente algo ruim, desde que se tenha condições de pagá-las. Normalmente, uma boa parte das preocupações são resultados de problemas financeiros, o que acaba desencadeando situações de desmotivação e de falta de concentração no progresso das atividades profissionais e pessoais.

A busca pela qualidade de vida envolve a determinação de metas e objetivos, portanto o planejamento financeiro transforma-se em algo indispensável. A falta de planejamento ocasiona vários problemas, que podem refletir na vida do indivíduo tanto pessoal quanto profissional.

Conforme Belynky apud Infomoney (2014), “[...] ter dinheiro não significa ser mais feliz ou ter mais qualidade de vida. O importante é planejar-se para ter o suficiente, sem consumir com exagero e desperdício.”



Um planejamento financeiro pessoal bem detalhado e estruturado é capaz de ajudar a perceber a atual situação financeira, gerenciar e estabelecer metas e objetivos, e então, desenvolver estratégias que levem à concretização desses objetivos.

Frankenberg (1999, p. 31) afirma que o planejamento financeiro pode estar voltado para o curto, médio ou longo prazo, e faz parte do planejamento realizar análises e reparações necessárias. “Planejamento financeiro pessoal significa estabelecer e seguir uma estratégia precisa, deliberada e dirigida para a acumulação de bens e valores que vão formar o patrimônio de uma pessoa e de uma família”.

Sendo assim, a educação financeira e o planejamento financeiro promovem tanto o conhecimento sobre comportamentos básicos que contribuem para melhorar a qualidade de vida, quanto meios estratégicos para se manter no padrão de vida alcançado. Portanto, tal conhecimento e ferramenta deveriam ser fundamentalmente ensinados nas escolas, já que nem sempre, os jovens podem aprender estes conceitos com os seus pais.

2.3 Educação financeira no orçamento familiar

Os benefícios que a educação financeira oferece são consideráveis, tanto para a economia de cada indivíduo, quanto para a economia nacional. No plano individual, a educação financeira contribui para a melhoria das condições de vida das pessoas, pois fornece ferramentas para a tomada de decisões relacionadas ao planejamento do futuro e à administração dos recursos, bem como informações pertinentes e claras, que levam a um conhecimento amplo e melhor aproveitamento de produtos e serviços financeiros. Assim, pessoas com maior nível de educação financeira tendem a economizar mais, o que geralmente se traduz em maiores níveis de investimento e crescimento para a economia como um todo (SARAIVA, 2017).

Com base nesse contexto, destaca-se a importância da educação financeira no ambiente doméstico, de modo que permite melhorar a tomada de decisões financeiras e, por sua vez, o consumo inteligente para obter o máximo rendimento dos recursos econômicos. Refere-se ao fato de que somente por meio de uma boa cultura financeira há consumo inteligente na sociedade. Além disso, permite-nos acompanhar as nossas receitas e despesas, além disso, desenvolve-se um estilo de vida saudável e duradouro, é possível



decidir facilmente quanto ao uso e aplicação de produtos financeiros e, por último, fornece alternativas para organizar corretamente o dinheiro (MINELLA, 2017).

A fim de exemplificar os benefícios de uma educação financeira familiar, destaca-se a importância de se ter um orçamento familiar. O orçamento é muito importante na vida de cada pessoa, pois nos permite planejar o quanto vai ser gasto com base na renda que se recebe por semana ou por mês. Não é necessária uma profissão específica para fazer o nosso orçamento pessoal, pois todos temos receitas e despesas que são essenciais para o fazer. A forma de fazer é muito simples, primeiro você tem que ter clareza sobre a receita, depois as despesas, separe-as em fixas e variáveis, sabemos que as fixas são água, luz, cabo, telefone, entre outros serviços básicos. E variáveis como alimentação, gastos originados em passeios com a família, entre outros. Finalmente, se as despesas forem menores do que as receitas, essa diferença pode ser usada para economizar para qualquer evento que possa ocorrer posteriormente (NETO, 2014).

Outro benefício que se pode identificar na educação financeira voltada para famílias é em relação ao hábito de comprar. O hábito de compra refere-se ao comportamento do comprador em relação aos locais de compra, viagens, tipos de locais visitados, com frequência de compra, tempo de compra e tipos de produtos adquiridos, bem como os motivos da escolha de que são utilizados e as atitudes e opiniões que se geralmente tem sobre os estabelecimentos comerciais (VIEIRA; BATAGLIA; SEREIA, 2011).

Compras impulsivas são aquelas que não estão previstas no orçamento pessoal e ocorrem em decorrência de uma escolha desarrazoada. Uma compra por impulso é considerada tudo o que adquirimos e que não foi planejado anteriormente. Além disso, os produtos que são comprados por impulso - por uma força ou impulso que o induz - são baratos porque, por exemplo, estão próximos ao caixa do supermercado, nos postos de gasolina ou nas ruas comerciais, com seus mercados, bazares e o gostar. São, portanto, objetos de consumo que são vistos, tocados se possível e, se quiserem, são levados para casa (VIEIRA; BATAGLIA; SEREIA, 2011).

Um aspecto relevante para que a educação financeira familiar ocorra refere-se à cultura financeira, uma vez que para que uma cultura ocorra é preciso primeiro ministrar uma educação. Os comportamentos financeiros são “ideias, percepções, atitudes, costumes e regras que partilhamos perante o mundo do dinheiro e as instituições que nele intervêm.



Enquanto a educação financeira envolve a formação de pessoas na área e, infelizmente, não é considerada uma prioridade na esfera social. A diferença entre esses dois termos é que a educação, como o próprio nome indica, é um conjunto de conhecimentos e a cultura são as habilidades desenvolvidas por esse conhecimento (SARAIVA, 2017).

Nesta linha, destaca-se a importância da poupança, sendo uma das principais vantagens da educação financeira familiar. Poupança é um hábito que consiste em reservar uma parte da receita que será utilizada nos planos que se tem para o futuro. Poupança acaba sendo muito importante para qualquer pessoa, pois serve para superar dificuldades financeiras ou concretizar sonhos sem a necessidade de se endividar (SARAIVA, 2017).

Poupança é a parte da renda que não é utilizada para consumo. É um hábito que consiste em reservar uma parte da receita que será utilizada nos planos que se fizerem para o futuro. A poupança familiar é importante para qualquer configuração de família, pois serve para superar dificuldades econômicas ou concretizar sonhos sem a necessidade de se endividar (NETO, 2014).

No que diz respeito à educação financeira familiar, a poupança representa um suporte para atender qualquer emergência que possa ocorrer e também permite que você tenha uma melhor qualidade de vida no futuro. É fundamental que os gastos que se fazem no presente sejam de forma responsável, ou seja, que o necessário seja priorizado antes de viver gastando com coisas desnecessárias que só geram superendividamento. Por último, é importante saber poupar porque quando uma pessoa é adulta, a poupança traz paz de espírito à sua vida e evita que a pessoa se preocupe com o que lhe pode acontecer se não tiver dinheiro ou qualquer outra coisa para depender sobre (NETO, 2014).

O comportamento financeiro é resultado e a educação um aprendizado, para deixar para trás uma cultura financeira inadequada deve-se educar as crianças, jovens e demais membros da família deixando claro que de certa forma um é consequência do outro, indicando que os dois termos anteriores estão ligados um ao outro, pois se você não tiver conhecimento não será capaz de desenvolver hábitos financeiros, para este autor há uma diferença clara, onde ao mesmo tempo há uma relação entre os conceitos (SARAIVA, 2017).

Para esses autores como Fernandes e Candido (2014), cultura financeira é a educação informal que as pessoas ao longo da vida, sendo esta de suma importância, porque é o que se observa e se aprende sem tentar, são comportamentos herdados,



enquanto educação financeira é aquela em que nos propomos a melhorar em algum aspecto, como poderia seja o caso de aprender a rentabilizar nossos recursos excedentes.

A educação financeira no orçamento familiar, juntamente com uma cultura financeira ajuda a desenvolver as habilidades necessárias para avaliar os riscos e considerar os retornos potenciais de uma transação financeira. Em resumo, ajuda saber como pesar tanto a parte positiva quanto a negativa de uma situação e decidir os passos a seguir (MINELLA, 2017).

A educação financeira beneficia os indivíduos em todas as fases da vida: crianças, fazendo-os compreender o valor do dinheiro e da poupança; os jovens, preparando-os para o exercício da cidadania responsável; adultos, ajudando-os a planejar decisões econômicas cruciais, como comprar uma casa ou se preparar para a aposentadoria. Da mesma forma, ajuda as famílias a ajustar suas decisões de poupança e investimento ao seu perfil de risco e às suas necessidades, o que favorece a confiança e a estabilidade do sistema financeiro. Da mesma forma, promove o desenvolvimento de novos produtos e serviços de qualidade, concorrência e inovação financeira (MINELLA, 2017).

À medida que o conhecimento financeiro da sociedade aumenta, segundo Saraiva (2017), a consequência lógica será uma melhoria no desempenho das instituições, visto que existe uma clientela cada vez mais responsável, informada e exigente. Além disso, a educação financeira ajuda as famílias a solicitarem serviços de entidades que se ajustem às suas necessidades e preferências, o que significa que os intermediários financeiros têm que entender melhor as necessidades de seus clientes, possibilitando uma maior oferta de produtos e serviços financeiros., E, com isso, aumento da competição e inovação no sistema financeiro.

Por outro lado, se todos os familiares participantes de uma economia possuem um bom nível de conhecimento financeiro, a família em si reverterá para um maior grau de desenvolvimento e eficiência do mercado, favorecendo assim um comportamento informado de todos os familiares e o maior aporte financeiro. De acordo com os estudos de Minella (2017), os indivíduos com maior nível de educação financeira tendem a economizar mais, o que geralmente se traduz em maiores níveis de investimento e crescimento para a economia como um todo.



2.4 A importância de gerenciar bem o dinheiro

Após três anos estudando no ensino médio, os alunos saem com diversos conhecimentos generalistas como história, geografia, física, química, dentre outros, entretanto estes mesmos alunos encerram essa etapa da vida sem saber o que é a educação financeira, muitos desses jovens não sabem lidar com o básico da vida financeira, muitos deles não sabem diferenciar o crédito do débito, e ainda falando dos mesmos alunos são eles que ajudam sua família completando a renda necessária em casa trabalhando, ou então eles conseguem seu primeiro emprego e não sabem o que fazer com aquele dinheiro, alguns gastam com roupas, outros com comida, outros deixam guardado. O que todos esses jovens têm em comum? A falta de educação financeira durante sua formação no ensino médio.

A literatura indica que os alunos do último ano do ensino médio não estão preparados para lidar com as finanças ao se formarem. A ênfase do currículo do ensino médio está na preparação para a faculdade ou na aquisição das habilidades necessárias para conseguir um emprego e obter uma renda. Muito pouco dos estudos do aluno se concentram em como usar efetivamente a receita para lidar com questões financeiras, como contas bancárias, investimentos, fundos mútuos, hipotecas, cartões de crédito, empréstimos, Segurança Social, seguros e impostos. Somente se um aluno tiver feito um curso de segundo grau sobre consumismo, finanças ou economia ele será exposto de alguma forma às questões financeiras do dia-a-dia enquanto estiver na escola (AVARD, 2005)

Ao fazermos uma breve pesquisa iremos descobrir que a taxa de endividamento das famílias brasileiras vem aumentando a cada ano que se passa, isso devido a falta da educação financeira na formação da população, podemos citar como um exemplo simples um jovem saindo do ensino médio, em sua maioria os jovens ao sair do ensino médio não sabem lidar com o dinheiro, não sabem as noções básicas da educação financeira, e isso não é culpa deles pois, segundo Avarda, (2005), “a ênfase do currículo do ensino médio está na preparação para a faculdade ou na aquisição das habilidades necessárias para conseguir um emprego e obter uma renda”, ou seja o maior foco do ensino médio não é ensinar os jovens a lidar com seu dinheiro e não ficar endividado e muito menos como eles vão multiplicar o seu dinheiro. A educação influencia diretamente a população de uma



nação pois, é ela que irá ensinar a lidar com suas finanças e se desenvolver de maneira saudável financeiramente, conseqüentemente se uma nação tiver uma população com um alto nível de conhecimento e estudo a mesma irá se desenvolver cada vez mais em todas as áreas.

A educação financeira reflete diretamente em alguns resultados do país, como no nível de poupança, no nível de endividamento, na qualidade de vida futura e no consumo consciente. A continuidade do desenvolvimento do Brasil vai depender principalmente do seu nível de educação. O conhecimento financeiro de uma população é uma ferramenta importante para qualquer nação que queira alcançar um nível de desenvolvimento (FAMÁ, RUBENS E PRADO, BRITO, 2016).

A informática na educação é um fato, não há mais como voltar para trás. Mas não pode ser simplesmente uma mudança de instrumentos, é preciso que seja uma mudança de paradigmas: não apenas ensinar, mas fazer aprender; e ainda dar-se conta que não basta ensinar, os alunos precisam aprender, o ato didático precisa completar seu processo. O professor precisa utilizar a técnica, não apenas pronta, como se ela substituísse apenas o livro-texto; ele deve ser, cada vez mais, o planejador, o criador, o gestor das situações de aprendizagem (COUTINHO et al., 2011). A educação hoje em dia se tornou decisiva e não há como voltar. O professor deve se tornar um melhor planejador, criador e gestor de situações de aprendizagem. Além disso, lembre - se de que não basta simplesmente ensinar; os alunos devem aprender, e o processo educacional deve ser concluído.

A abordagem microeconômica convencional para as decisões de poupança e consumo postula que um indivíduo totalmente racional e bem informado consumirá menos do que sua renda em tempos de altos rendimentos, poupando assim para sustentar o consumo quando a renda cai, por exemplo, após a aposentadoria (SILVA, 2014).

O conhecimento financeiro é extremamente importante para muitos dos debates sobre políticas atuais. Por exemplo, usando um modelo intertemporal de poupança que incorpora muitas fontes de risco, demonstra-se o que pode acontecer quando o conhecimento financeiro ajuda as pessoas a fazer um trabalho melhor alocando seus recursos ao longo de suas vidas. Além disso, mostra-se que os consumidores estariam dispostos a desistir de três por cento de seu consumo ao longo da vida para melhorar seu bem-estar por meio do conhecimento financeiro (BRAUNSTEIN, 2012).



É extremamente crucial em muitas questões políticas atuais. Exemplificando, ao utilizar um modelo de poupança intertemporal que integra várias fontes de risco, pode-se ver o que pode acontecer quando o conhecimento financeiro auxilia as pessoas a alocar melhor seus recursos ao longo de suas vidas. Além disso, foi demonstrado que os consumidores estavam dispostos a renunciar a três por cento de seu consumo ao longo de suas vidas para melhorar seu bem-estar financeiro.

Nesse sentido, Vieira (2014) relata que a falta de experiência com o planejamento familiar no âmbito econômico é um dos principais fatores que dificultam a gestão eficiente na promoção do bem-estar, principalmente em momentos de crise, onde demanda cautela e eficiências. Na mesma linha, Grussner (2017) destaca que aprender na prática é importante, gerenciando as finanças do dia a dia e enfrentando os problemas que surgem, levando à um amadurecimento. Contudo, esse tipo de aprendizagem não deve ser considerado como ideal, sendo necessário aprender conceitos e técnicas de gestão de finanças.

Além disso, para os próximos anos espera-se uma tendência de explosão nos serviços financeiros, que vai demandar uma gestão complexa dos mesmos. Dessa forma, serão necessários conhecimentos básicos em finanças, disciplina e uma gestão otimizada, demonstrando a importância da alfabetização financeiro como forma de contribuir para a tomada de decisões mais eficientes (JEUNON, 2014)

Finanças pessoais como a ciência que estuda os conceitos financeiros aplicados a tomada de decisão financeira individual ou familiar. Para que seja feita uma análise corretiva sobre finanças pessoais, deve-se considerar eventos financeiros de cada indivíduo, a fase de vida em que o mesmo se encontra a fim de planejar uma estratégia financeira, estudar as opções de empréstimos e financiamentos, fazer um orçamento doméstico, analisar opções de investimento adequadas para o indivíduo e fazer a boa gestão da conta corrente. (MOURA, 2015)

E a educação financeira vem ser um elo entre várias áreas do conhecimento, no sentido de fazer com que trabalhem juntas e formem na epistemologia do aluno, conceitos capazes de instrumentalizá-lo para a construção de sua autonomia (STHEPANI, 2005, p.12).

Consumidores conscientes demandam por produtos condizentes com suas necessidades financeiras de curto e longo prazo, exigindo que os provedores financeiros



criem produtos com características que melhor correspondam a essas demandas (SAVOIA et al., 2007, p. 2).

2.5 Noções sobre Investimentos

O Brasil já ultrapassou a marca de 213,3 milhões de habitantes em seu território segundo o censo do IBGE em 01 de junho de 2021, o que podemos dizer que eleva a nossa nação a ocupar a sexta posição no ranque mundial de países mais populosos. Porém apenas uma pequena parcela de habitantes chega a ter disponibilidade de recursos financeiros livres para se fazer investimentos, o que faz contrapartida com o restante de sua população que tem uma baixa ou inexistente disponibilidade de recursos, o que faz só crescer ainda mais a desigualdade quando falamos sobre investir.

Investimentos sempre são rodeados de grandes incertezas e muito medo já que são poucas as histórias de pessoas que alcançaram de fato o sucesso ou somente conseguiram cobrir o valor do aporte inicial.

O que mais podemos encontrar são pessoas que perderam grandes quantias por apostar em posições erradas ou seguir palpites de retornos exorbitantes e de extrema liquidez.

De fato, a taxa de sucesso nessa área realmente é bem pequena ainda mais quando olhamos isso em um ambiente micro como o da cidade de Anápolis, não estamos abordando nem o fato de que algumas pessoas não saibam o que é um investimento já que hoje com a evolução da internet muito já se tem falado e ensinado sobre.

Segundo uma pesquisa realizada pela Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais (Anbima) em 2017 revela que 58% dos brasileiros não contrataram ou têm algum tipo de investimento financeiro. E o levantamento ainda nos mostra que dos 42% que têm alguma aplicação, apenas 9% fizeram algum aporte em 2017. O que nos mostra a realidade de como as pessoas ainda não exploraram o mundo financeiro.

Em investimentos temos algumas variáveis de possíveis formas de se investir, as mais conhecidas são as de renda fixa e renda variável, mas um dos maiores objetivos a ser alcançado com investimentos é o de se conseguir uma renda passiva.



No geral, renda passiva nada mais é do que a renda que se ganha através de dividendos dos investimentos sem participação ativa de seus compradores, não necessitando de esforços físico ou intelectual.

Podemos exemplificar isso melhor através de uma situação na qual uma pessoa compra um título imobiliário como um LCI na bolsa e esse aporte irá gerar um rendimento que será pago mensalmente. Esse rendimento terá um valor que é definido pela taxa Selic podendo fazer flutuações positivas ou negativas o que irá impactar diretamente no valor do rendimento. A renda passiva é gerada através dessa repetição o que é conhecido como “bolo de Neve dos Juros Compostos”.

2.5.1 Perfil do investidor

Quando falamos em investimentos não podemos deixar de falar sobre os perfis de investidores, pois é ignorado por muitos e tendo um papel crucial na hora de investir já que e através dele que temos noção de quais investimentos são recomendados para o indivíduo.

Quando se trata de aplicar recurso financeiro é importante entender qual tipo de perfil o investidor se encaixa, já que é através dele que é possível entender quais os riscos que a pessoa está disposta a correr, ou qual e a flexibilidade que ela tem em perder algum valor investido e até mesmo qual o retorno desejado. Através dessa análise podemos definir as melhores posições e sugerir os investimentos que mais se adaptam ao perfil do investidor para que possíveis frustrações não ocorram.

O teste é baseado em responder um questionário que foi feito e revisado por instituições financeiras, conhecido como API (Análise de Perfil do Investidor), É uma ferramenta para identificar o perfil do investidor, auxiliando-o na escolha de produtos próximos aos seus objetivos, tolerância a risco e expectativas de investimento (BANCO DO BRASIL, 2014).

Segundo a Anbima, para que aja uma definição do perfil, deverão ser abordados alguns aspectos como: experiência em relação a investimentos, horizonte de tempo, objetivos de investimentos, tolerância ao risco. São analisados nesses questionários algumas informações específicas como: grau de escolaridade, idade, se possui disponível para investir, se reserva alguma parte de seus ganhos para alguma eventual emergência, se existe alguma experiência prévia com investimentos e até mesmo como o que pretende



fazer com o dinheiro. Os perfis do investidor são listados como conservador, moderado e arrojado.

Tendo assim o perfil de conservador uma pessoa que tem aversão total a qualquer tipo de perda em seus recursos investidos e sempre buscando por investimentos mais seguros mesmo que esses não deem retornos significativos em curto prazo o que é ideal para esse perfil são os investimentos de renda fixa. Segundo análise realizada pelo Banco Santander (2014), as pessoas desse perfil são dispostas a correr mais riscos e ter rendimentos diversificados, porém buscam opções que possam fazer o resgate em um curto período de tempo.

Quando olhamos mais a fundo sobre o perfil moderado vemos que os investidores buscam certo nível de segurança em investimentos, mas está aberto em investir opções por um período de tempo maior o que geral um pouco mais de risco, mas que gera rendimentos melhores a médio e longo prazo (CAIXA ECONÔMICA FEDERAL, 2014). Assumem baixo risco. Por terem pouca necessidade de liquidez no curto prazo.

De acordo com Santander (2014), o perfil arrojado e o que tem mais tolerância a correr riscos e possíveis perdas na busca do retorno diferenciado no longo prazo ainda tem uma baixa necessidade de liquidez em um curto e médio prazo. Sempre disposto e compreensivo a entender as oscilações do mercado.

2.5.2 Títulos de renda fixa

Títulos de Renda Fixa são ativos oferecidos ao seu titular com rendimentos previamente conhecidos, no entanto esses rendimentos podem ser prefixados quando os juros são definidos previamente ou pós-fixados, quando os juros são definidos com base em um indexador (ASSAF NETO, 2014). Indexador é um termo que refere a índices usados como para corrigir valores monetários de um determinado ativo. No Brasil, os indexadores mais comuns são o IPCA, a taxa Selic e o CDI.

Os títulos de renda fixa são mais recomendados para aqueles que buscam segurança na hora de fazer suas negociações.

São marcados por rendimentos consideravelmente baixos, mas que são reconhecidos por serem os mais seguros. Podendo citar alguns como Tesouro direto, LCI



(Letra de Crédito Imobiliário), LCA (Letra de Crédito Agropecuário), CDB (Certificado de Depósito Bancário) e FII'S (Fundos de Investimento Imobiliário).

Todos estes são investimentos que têm garantia do FGC (Fundo Garantidor de Créditos) no qual se ocorrer qualquer problema relacionado à inadimplência o investidor terá os seus aportes devolvidos tendo um limite de até R\$ 250.000,00 reais por CPF e um limite global de R\$ 1.000.000.

2.5.3 Ações

As ações por sua vez são pequenos pedaços de empresas S.A que tem o capital aberto e podem ser encontradas nas Bolsas de Valores para negociação das mesmas ou no mercado de balcão que engloba as corretoras de valores ou de mercadorias e até mesmo distribuidoras e os bancos de investimento.

Não existe um valor mínimo para aquisição de ações, mas como existem diversos custos na aplicação custos este na maioria das vezes são cobrados por prestadores de serviço como as corretoras. A decisão fica a critério do investidor se vale a pena investir em ações considerando os custos no investimento (BM&FBOVESPA, 2014d).

CEF (2017, p. 12) define ações como sendo:

Ativos de empresas com capital aberto ou S.A Sociedade Anônima, que são negociados em bolsas de valores, em outras palavras podemos dizer que ações são pedaços ou partes das empresas que são vendidas na bolsa de valores. Quando uma pessoa compra um grupo de ações de uma empresa, significa que ela estará se tornando sócia daquela empresa, cuja participação dependerá da quantidade de ações compradas.

Para o autor existem dois tipos de ações: ON (ações ordinárias) e PN; ações preferenciais. As ações ON são aquelas no qual o investidor tem direito a rendimentos e a voto e uma cadeira durante as assembleias do conselho. As ações PN dão direito aos dividendos, mas não dão direito ao voto.

3 METODOLOGIA



A pesquisa foi realizada com alunos do ensino superior da Universidade Evangélica, a instituição de ensino se encontra na cidade de Anápolis (GO). A pesquisa teve uma amostra de 106 alunos, sendo uma faixa etária entre 13 a 26 anos. Pesquisa de campo realizada através de questionários, sendo analisados os dados de forma quantitativa, dando assim a possibilidade de quantificar as informações através de números e porcentagens. O questionário foi realizado através do Google Forms, disponibilizado aos alunos.

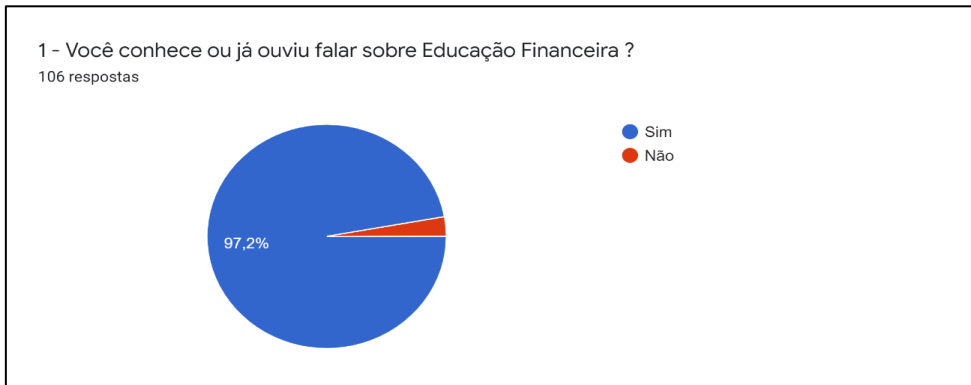
Segundo Gil (2018, p. 137), construir um questionário consiste basicamente em traduzir objetivos da pesquisa em questões específicas. As respostas a essas questões é que irão proporcionar os dados requeridos para descrever as características da população pesquisada ou testar as hipóteses que foram construídas durante o planejamento da pesquisa.

Já alguns cientistas sociais que usam e trabalham com estatística aprendem dos fenômenos apenas a região “visível, ecológica, morfológica e concreta”. (MINAYO, 2003, p. 22).

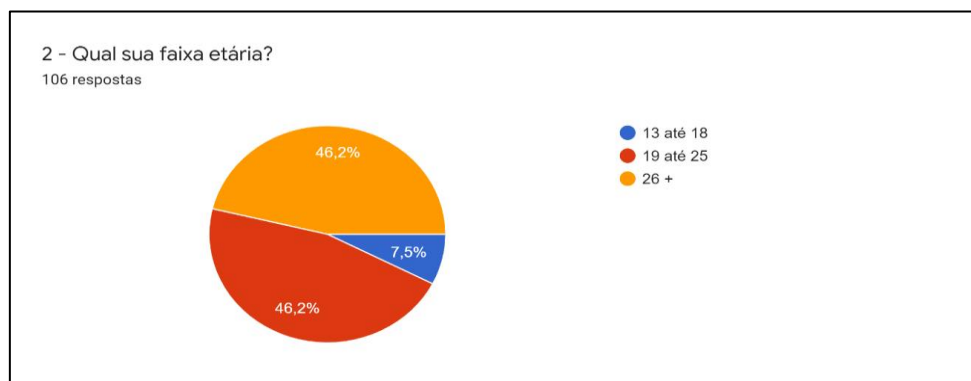
O método da pesquisa deve apresentar os procedimentos usados para realizar cientificamente o estudo, ou seja, o propósito do trabalho, o método de delineamento, as técnicas de coleta de dados e a técnica de análise. Quanto aos fins este artigo foi realizado por meio de pesquisa bibliográfica e exploratória, tendo assim também uma análise qualitativa.

3.1. Análise de dados

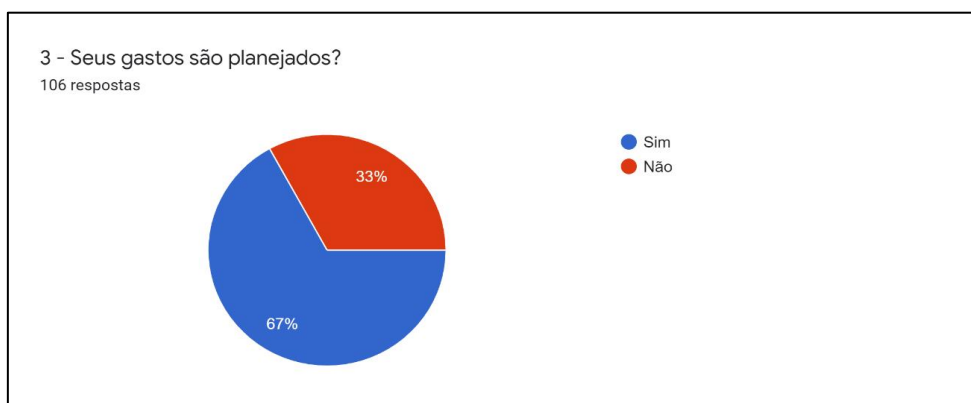
Observando as informações abaixo que foram coletadas através do questionário, pode-se observar que a maioria das pessoas entrevistadas estão acima dos 13 anos, que a em sua grande parte já ouviu falar sobre educação financeira e ainda observar que 67% dos entrevistados tem seus gastos planejados.



Fonte: Elaborado pelos autores.



Fonte: Elaborado pelos autores.



Fonte: Elaborado pelos autores.

Aqui pode-se deduzir que 64,2% têm seus gastos equilibrados e que 78,1% da amostra prioriza o pagamento de suas contas antes de qualquer coisa.



4 - Como está a sua situação financeira atualmente?

106 respostas



Fonte: Elaborado pelos autores.

5 - Quando você recebe o seu salário, qual é a primeira coisa que faz?

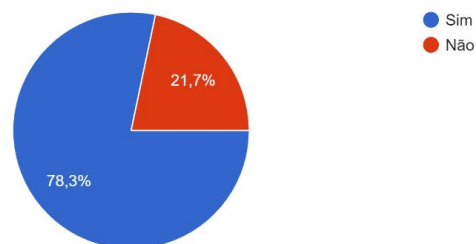
105 respostas



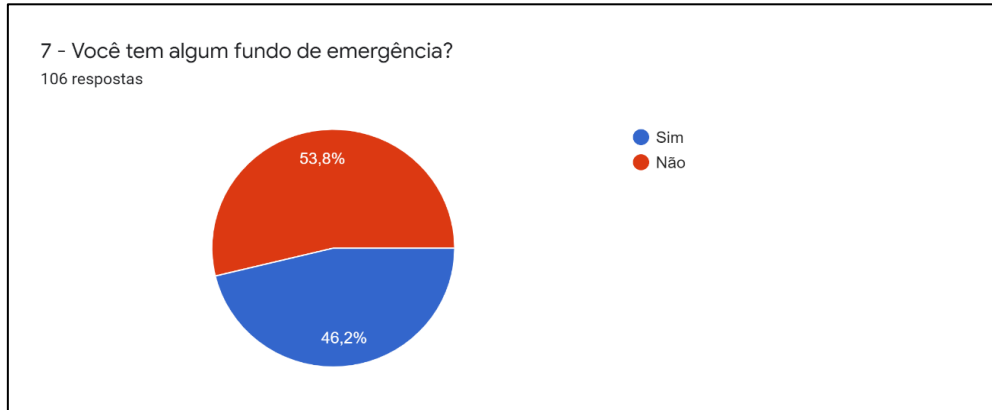
Fonte: Elaborado pelos autores.

6 - Você usa cartão de Crédito?

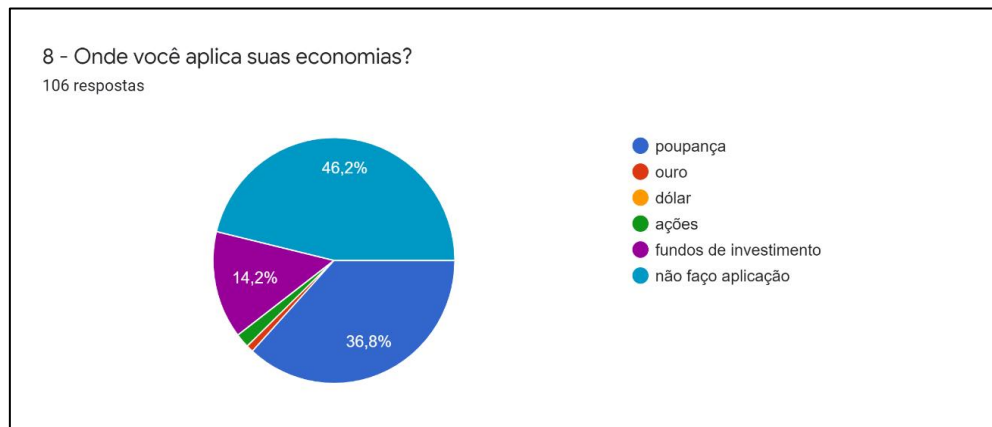
106 respostas



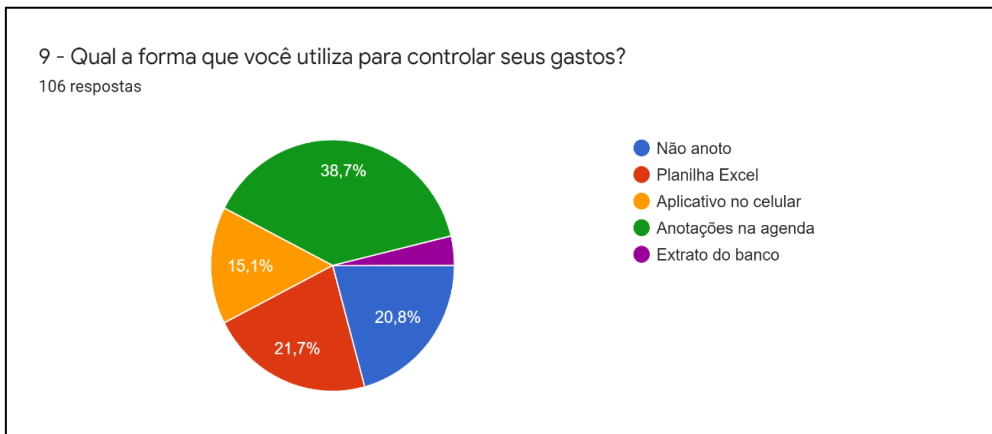
Fonte: Elaborado pelos autores.



Fonte: Elaborado pelos autores.



Fonte: Elaborado pelos autores.

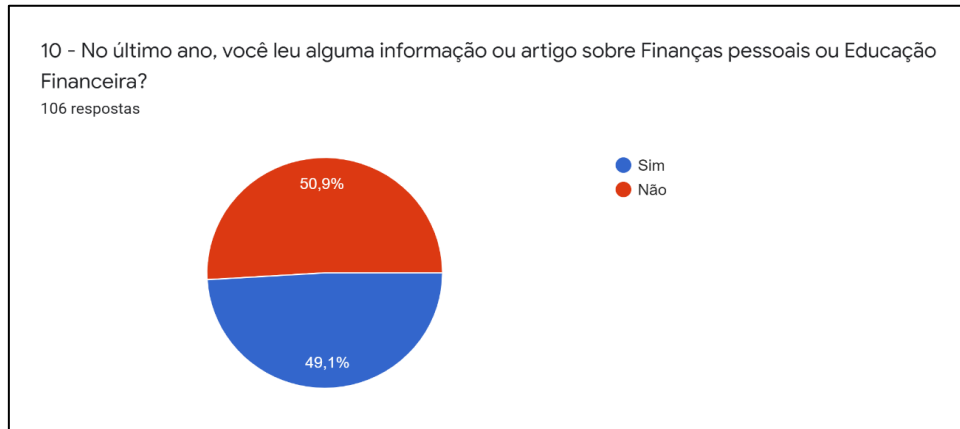


Fonte: Elaborado pelos autores.

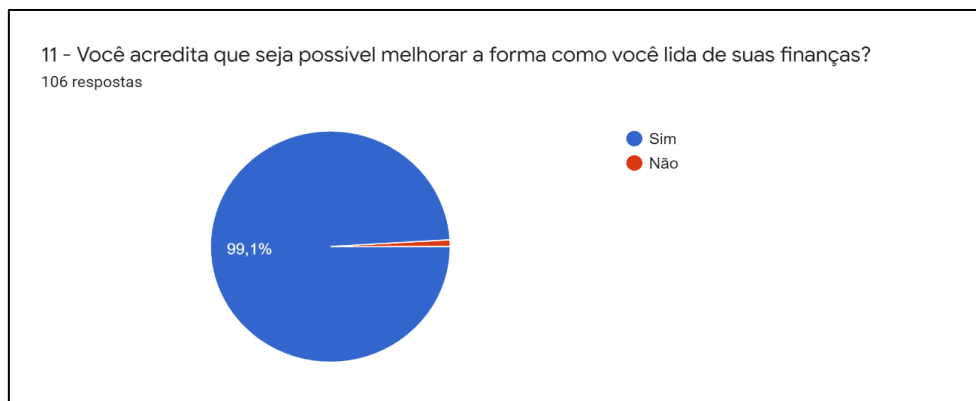
Na questão 7 pode-se observar que quando a pessoa não tem um fundo de reserva cabe verificar quais os pontos que estão faltando, sendo assim pode-se verificar algumas questões como está administrando seu salário, o que está priorizando, seria alguma dívida



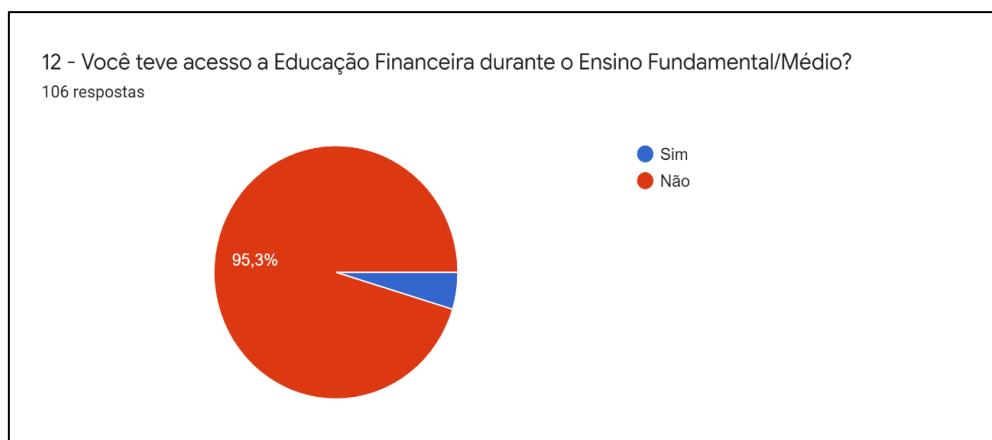
assim então demonstra a importância da educação financeira na vida das pessoas, para melhor escolhas e melhor administrar suas finanças.



Fonte: Elaborado pelos autores.



Fonte: Elaborado pelos autores.

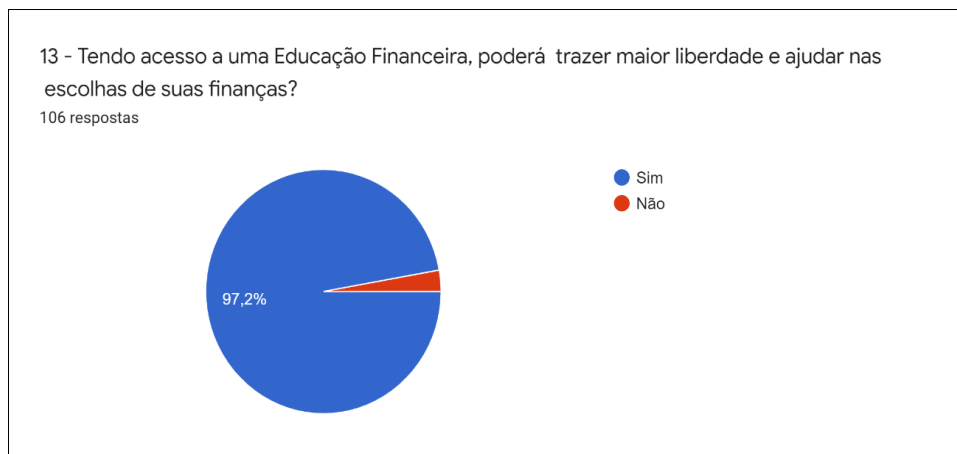


Fonte: Elaborado pelos autores.

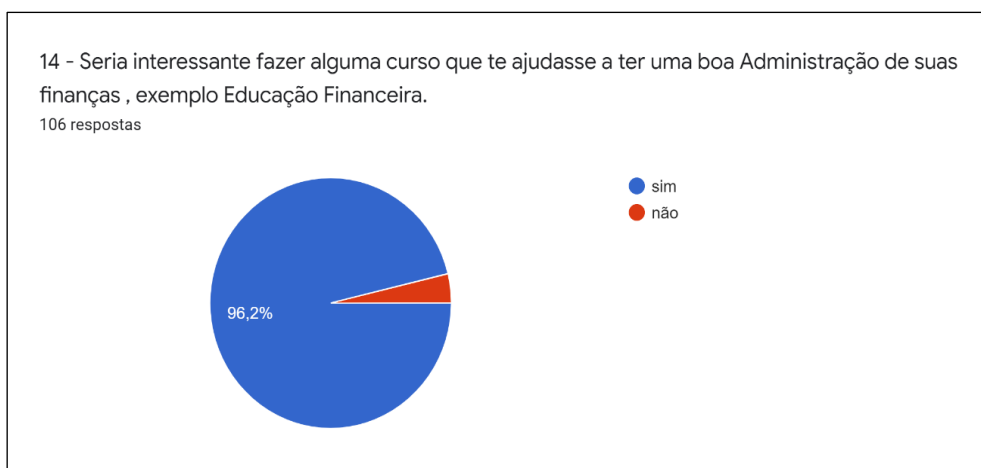


Na pergunta 12 pode ser observado que a maioria dos entrevistados não teve acesso a educação financeira durante o ensino médio, de modo que este fato é reforçado na questão 11 onde 99,1% das pessoas não se sentem satisfeitas com a sua vida financeira atual.

De acordo com Fernandes e Cândido (2014), o jovem brasileiro não tem uma base educacional financeira e as escolas não oferecem nenhum tipo de ensinamento aprofundado, ressaltando a necessidade de um conhecimento adequado diante de um mercado de opções financeiras impulsionado após a criação do plano real.



Fonte: Elaborado pelos autores.



Fonte: Elaborado pelos autores.

Assim pode-se observar o quanto é importante ao jovem ou cidadão o conhecimento sobre finanças. Algumas pessoas, de acordo com a pesquisa, não tiveram acesso a esse conhecimento no Ensino Médio e estão interessadas em adquirir, para que assim possam



entender melhor e fazer escolhas mais conscientes e tendo assim maior liberdade financeira.

4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Através da pesquisa podemos observar que muitos conhecem ou já ouviram falar sobre educação financeira, analisando dos dados coletados pode-se observar que alguns poucos têm conhecimento sobre educação financeira, mas ainda é um pouco explorado. Muitos ainda buscam e tem interesse de ter mais conhecimento sobre o assunto.

Fato que fica mais evidente ainda quando analisamos a pergunta de número 12 onde é questionado se os mesmo tiveram acesso sobre a educação financeira no ensino médio, o trouxe uma verdade esmagadora que de 106 pessoas apenas pouco mais de 4% tiveram acesso ao tema durante a escola.

Um dos desafios é promover a capacitação financeira dos indivíduos, de forma a torná-los aptos a tomar suas decisões com maior fundamentação e segurança, possibilitando uma postura proativa na gestão das finanças pessoais. A questão da gestão das finanças pessoais é uma componente que se soma a outras também relevantes como a consolidação de uma cidadania voltada para um modelo de sociedade que prevaleça elementos de equidade.

5 CONCLUSÃO

A formação financeira é um dos grandes desafios no que diz respeito ao contexto brasileiro, mesmo com a aprovação da matriz curricular do BNCC, onde será inserida a Educação financeira, muitas escolas levam algum tempo para que seja implantada em sua grade curricular. Devido a isso, muitos jovens acabam por tomar decisões equivocadas que os prejudicam de diversas formas, levando ao endividamento e à uma má gestão de seus recursos financeiros.

Um outro aspecto importante da organização financeira refere-se ao orçamento familiar. As famílias podem ser comparadas a pequenas empresas que precisam de uma gestão eficiente para enfrentar crises, bem como proporcionar momentos de lazer. Dessa



forma, perceber como os jovens lidam com a gestão financeira é necessário para que medidas sejam adotadas visando promover uma maior segurança do patrimônio da família.

Nessa mesma linha, aspectos sobre investimentos, economia e como administrar também são importantes para que o jovem maximize seus rendimentos de alguma forma. A rentabilização do dinheiro pode refletir em diversas esferas, como por exemplo, na aquisição de crédito para imóveis, veículos, formação profissional, entre outras, que interferem diretamente na qualidade de vida de cada um.

Após apresentação dos dados levantados pela pesquisa podemos chegar a conclusão da importância da Educação Financeira na formação do indivíduo, sendo necessária para vida, para o cotidiano de todo cidadão. Buscando aprender a administrar sua vida financeira na prática e no dia a dia, faz com tenha escolhas conscientes, diminuindo assim o nível de endividamento que o jovem brasileiro se encontra.

Concluo com informações importantes da OCDE: Segundo a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE, 2005), educação financeira é o processo mediante o qual os indivíduos e as sociedades melhoram a sua compreensão em relação aos conceitos e produtos financeiros, de maneira que, com informação, formação e orientação, possam desenvolver os valores e as competências necessários para se tornarem mais conscientes das oportunidades e riscos neles envolvidos e, então, poderem fazer escolhas bem informadas, saber onde procurar ajuda e adotar outras ações que melhorem o seu bem-estar. Assim, podem contribuir de modo mais consistente para a formação de indivíduos e sociedades responsáveis, comprometidos com o futuro (OCDE, 2005).

6 REFERÊNCIAS

ASSAF NETO, A. **Finanças corporativas e valor**. 7. ed. São Paulo: ATLAS, 2014.

AVARD, S. *et al.* The financial knowledge of College Freshmen. *College Student Journal*, Jun 2005. (OU ASSIM: Avard, Stephen, et al. "The financial knowledge of college freshmen." **College Student Journal**, vol. 39, no. 2, June 2005, pp. 321+. Gale Academic OneFile, link.gale.com/apps/doc/A133606103/AONE?u=anon~baa8aec2&sid=googleScholar&xid=c5d4fcf3.)

BAUER, M. W.; GASKEL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.



BCB - BANCO CENTRAL DO BRASIL. Série Perguntas Mais Frequentes: Índices de Preço no Brasil. Brasília: 2016.

BRAUNSTEIN, S.; WELCH, C. **Financial Literacy: An Overview of Practice, Research, and Policy.** Federal Reserve Bulletin. Nov, 2012.

CAIXA ECONÔMICA FEDERAL. **Perfil do investidor.** Disponível em:< http://www11.caixa.gov.br/portal/public/investidor/investidor/invista/perfil_do_investidor >. Acesso em 11/2021.

CEF. Caixa Econômica Federal. **Tipos de investimentos.** 2017. Disponível em:< https://www.bcb.gov.br/content/cidadaniafinanceira/Documents/publicacoes/serie_pmf/FAQ%2005-Pre%C3%A7os%20Administrados.pdf>. Acesso em: 11/2021.

COUTINHO, C. P. Sociedade da informação, do conhecimento e da aprendizagem: desafios para educação no século XXI. **Revista da Educação**, 2011.

CRESWEL, J. W. **Projeto de pesquisa: método qualitativo, quantitativo e misto.** 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

FAMÁ, R.; PRADO, A. B. B. O consumo e a importância da Educação Financeira para o Brasil. ReFAE – **Revista da Faculdade de Administração e Economia**, v. 8, n. 1, p. 02-12, 2016.

FERNANDES, A. H. de S.; CANDIDO, J. G. **Educação financeira e nível de endividamento: relato de pesquisa entre os estudantes de uma instituição de ensino da cidade de São Paulo**, Rev. Elet. Gestão e Serviços. v.5, n.2, Jul./Dez. 2014. Disponível em: <http://www.spell.org.br/documentos/ver/34078/educacao-financeira-e-nivel-do-endividamento--r> Acesso em: 29 maio 2022

GIL, Antonio Carlos, 1946 – **Como elaborar projetos de pesquisa** / Antonio Carlos Gil. – [2.Reimpr.]. – 6. ed. – São Paulo: Atlas, 2018.

GRUSSNER, P. M. **Administrando as Finanças Pessoais para criação do Patrimônio.** Monografia (Bacharel em Administração). Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Porto Alegre, 2017.

JEUNON, Éster E. Universidade de Brasília. Tese. Prioridades Axiológicas e Orientação de Consumo: Validação de Modelo Integrativo. Brasília, 2014.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MORAES, R. A **Análise de Conteúdo: possibilidades e limites.** In: ENGERS, M. E. A. (Org.). Paradigmas e Metodologias de Pesquisa em Ação: notas para reflexão. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994 p22.



MINELLA, J. M. A influência do materialismo, educação financeira e valor atribuído ao dinheiro na propensão ao endividamento de jovens. **Gestão & Planejamento-G&P**, v. 18, 2017.

MOURA, A.G. **Impacto dos diferentes níveis de materialismo na atitude ao endividamento e no nível de dívida para financiamento do consumo nas famílias de baixa renda no município de São Paulo**. Dissertação de Mestrado. Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas: São Paulo, 2015.

NETO, A. M. **Educação financeira**. EDIPUCRS, 2014.

OCDE. **Recomendação sobre os Princípios e as Boas Práticas de Educação e Conscientização Financeira**. Julho 2005. Disponível em: [https://www.oecd.org/daf/fin/financial-education/\[PT\]%20Recomenda%C3%A7%C3%A3o%20Princ%C3%ADpios%20de%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20Financeira%202005%20.pdf](https://www.oecd.org/daf/fin/financial-education/[PT]%20Recomenda%C3%A7%C3%A3o%20Princ%C3%ADpios%20de%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20Financeira%202005%20.pdf). Acesso:29 maio 2022

SARAIVA, K. S. Os sujeitos endividados e a Educação Financeira. **Educar em Revista**, p. 157-173, 2017.

SAVOIA, J. R.; SAITO, A. T.; SANTANA, F. **Paradigmas da educação financeira no Brasil**. Outubro de 2007.

SILVA, E. D. **Gestão em Finanças Pessoais: uma metodologia para se adquirir educação e saúde financeira**. Rio de Janeiro: Quatymark, 2014.

STEPHANI, M. **Educação Financeira: uma perspectiva interdisciplinar na construção da autonomia do aluno**. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre-RS: PUCRS, 2005.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Três enfoques na pesquisa em ciências sociais: o positivismo, a fenomenologia e o marxismo**. In: _____. Introdução à pesquisa em ciências sociais. São Paulo: Atlas, 1987. p. 124-130.

VIEIRA, S. F. A.; BATAGLIA, R. T. M.; SEREIA, V. J. Educação financeira e decisões de consumo, investimento e poupança: uma análise dos alunos de uma universidade pública do norte do Paraná. **Revista de Administração Unimep**, v. 9, n. 3, p. 61-86, 2011.

VIEIRA, V. A. Consumerismo: Uma revisão nas áreas de influência do comportamento do consumidor. In. **Trabalho Acadêmico do Curso de Administração de Empresas e Comércio Exterior da Universidade Paranaense (UNIPAR)**, Campus Francisco Beltrão-Pr. 2014.